

O DIÁRIO DE JUVENTUDE DE GILBERTO FREYRE TRADUZIDO PARA O ITALIANO: QUANTO A TRADUÇÃO NÃO É SOMENTE UMA QUESTÃO DE LÍNGUA

Nicoletta Cherobin¹

RESUMO

Este artigo foi elaborado a partir do projeto de tradução desenvolvido durante os dois primeiros anos de estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará cuja proposta é a tradução comentada e anotada do diário íntimo de Gilberto Freyre intitulado *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade* (1915-1930), publicado pelo próprio autor em 1975. O objetivo desse trabalho é de apresentar ao público algumas das reflexões desenvolvidas e das soluções tomadas durante a tradução de termos da língua brasileira mais ligados à cultura e ao folclore nordestino e nacional. Depois de uma breve contextualização da obra apresentarei e comentarei alguns exemplos, entre os mais significativos, das estratégias aplicadas à minha proposta de tradução para o público italiano, graças à utilização da ferramenta paratextual (TORRES, 2011) e com o apoio dos teóricos dos Estudos da Tradução que mais enfatizam, bem como valorizam, os aspectos culturais envolvidos na tarefa tradutória (BASSNETT; LEFEVERE, 1990).

Palavras-chaves: Gilberto Freyre. Paratexto. Tradução comentada.

ABSTRACT

This article was elaborated from the translation project developed during the first two years of researching in the Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal

¹ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES-PNPd.

do Ceará, whose proposal is the annotated translation of the private diary of Gilberto Freyre entitled *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*, published by the author in 1975. The aim of this work is to present to the public some of the reflections developed and the solutions taken during the translation of terms of the Brazilian language most related to Northeastern and Brazilian culture and folklore. After a brief contextualization of the work, I will present and comment some of the most significant examples of the strategies applied to my translation proposal for the Italian public, thanks to the use of the paratextual tool (TORRES, 2011) and with the support of Translation Studies theorists who emphasize, and also value, the cultural aspects involved in the translation task (BASSNETT; LEFEVERE, 1990).

Key-words: Gilberto Freyre. Paratext. Annotated translation and commentaries.

Sob a orientação de Andréia Guerini (Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC) e a coorientação de Sandra Bagno (Università degli Studi di Padova), em julho de 2015, defendi, na Universidade Federal de Santa Catarina, a tese de doutorado intitulada *(La) Casa Grande e (la) senzala brasileira tradotta in italiano: analisi paratestuale di Padroni e Schiavi*.²

Durante quatro anos, desenvolvi uma extensa pesquisa sobre Gilberto Freyre e, em particular, sobre sua obra prima: *Casa Grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, publicada pela primeira vez no Brasil em 1933. O livro de Gilberto Freyre foi escrito entre Portugal, onde esteve exilado, e Pernambuco, “sua pátria”. Essa obra apresenta a colonização portuguesa no Brasil e discute a questão das etnias como sinônimo de caráter e cultura que contribuíram para a formação da nação. De fato, devido aos temas tratados, ao particular estilo do autor e pelas fontes alternativas, essa publicação lhe rendeu elogios e críticas.

Apesar de ter sido escrita há quase cem anos, *Casa Grande e Senzala* é uma das mais importantes obras da cultura brasileira que dialogou (e continua dialogando) com diferentes disciplinas, da sociologia à história, da antropologia à geografia e circulou em diferentes países: Estados Unidos, França, Portugal e Itália. Esse autor pernambucano inaugurou um novo tipo de estudo da história, que enfatiza a importância de analisar os momentos e as atividades mais cotidianas para poder compreendê-la. Esta disciplina, até então, era principalmente ligada aos grandes acontecimentos e a figuras representativas. Além disso, Gilberto Freyre inclui na historiografia documentos manuscritos, contos, e imagens como elementos de estudo, para chegar até a cozinha, com a comida típica. Basta pensar no título do livro, no qual, de fato, ele analisa a formação da nação brasileira a partir da “história da família” (FREYRE, 1933).

Ao refletir sobre esse aspecto, durante a realização da minha tese de doutoramento, levantei algumas reflexões e questionamentos relacionados à biografia e aos elementos autobiográficos presentes na obra do pernambucano que originaram uma nova proposta de estudo, apresentada para o estágio pós-doutoral, na linha de pesquisa dos Estudos da Tradução denominada: Teoria, Crítica e História da Tradução, sob a supervisão de Walter Carlos Costa da Universidade Federal

² Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses/Nicoletta_Chelibin_-_Tese.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

do Ceará, querendo dar ênfase ao Gilberto Freyre como escritor e prosador, sem excluir o pensador.

De fato, para a elaboração de parte da minha tese de doutorado já citada, utilizei algumas biografias oficiais encontradas sobre o autor, mas, principalmente, o texto que Gilberto Freyre publicou em 1975: *Tempo Morto e outros Tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)* assim apresentado pelo próprio autor:

é um diário de adolescência e de primeira mocidade (1915-1930) que só agora se publica [...] faltando-lhe numerosos registros. Registros de acontecimentos e de experiências, para o autor, importantes. Importantes para o que foi sua adolescência, para o que constitui a sua primeira mocidade e para a projeção, dessas duas fases decisivas de sua vida, sobre as que a elas se vêm seguindo. Sucede que das notas em que foram sendo registradas, pelo autor, reações íntimas, pessoais, secretas, até àqueles acontecimentos e àquelas experiências, perdeu-se boa parte, devorada pelo cupim. Deixadas em velho baú, juntamente com cartas e com outros papéis pessoais, aí permaneceram alguns anos, após a chamada “Revolução de 30”. Até que, aberto um dia o baú, só alguns dos papéis que ele guardava se apresentaram em estado de ser lidos e copiados, isto é, datilografados, como foram, com um mínimo de revisão pelo autor: respeitadas, em simples apontamentos, alguns quase em sinais taquigráficos, palavras de adolescente de quinze e de jovem de vinte anos. Feito um ou outro acréscimo para esclarecer obscuridades. Conservadas repetições. Respeitadas espontaneidades um tanto desordenadas (FREIRE, 1975, p. vii, itálico do texto fonte).

Esta obra desenvolve-se entre diversos países e até continentes: tudo começa na primeira metade de 1900, com as reflexões de um adolescente bem esperto e curioso, muito ligado à sua família. Logo em seguida, um novo cenário aparece, os Estados Unidos, onde o autor nordestino realizou seus estudos universitários, até 1923 quando escolhe a Europa para uma temporada de viagens. Aqui o autor questiona profundamente as Américas por ele vividas, em comparação com “o Velho Mundo”, com considerações sempre mais elaboradas, graças à sua bagagem intelectual e pessoal. Na última parte do diário o autor está de volta ao Brasil, onde retorna como adulto, com todas as observações de um ponto de vista, pelo menos inicialmente, externo, para finalmente se redescobrir, com um novo olhar, junto ao seu país.

Esse diário, de fato, tornou-se um importante material textual que ajudou a melhor compreender alguns dos conceitos desenvolvidos pelo autor ao longo de sua vasta produção intelectual. Aliás, quando se fala de Gilberto Freyre, frequentemente resulta difícil compreender onde termina a realidade biográfica e onde começa a ficção literária, pois ele cria uma espécie de “autoimagem” que se revela nas páginas do próprio diário. É exatamente aqui que muitos episódios da sua existência parecem ser usados para justificar muitas das suas teorias desenvolvidas ao longo da sua carreira.

O exemplo mais evidente é ligado à descrição dos marinheiros brasileiros que Freyre observa por acaso em Brooklyn enquanto mora nos Estados Unidos (segundo quanto anotado no diário estamos, exatamente, em 1921) e que ele mesmo define como “o resultado degenerativo da mestiçagem”:

Vi uns desses dias marinheiros de guerra do Brasil caminhando pela neve do Brooklin. Pareceram-me pequenotes, franzinos, sem o vigor físico dos autênticos marinheiros. Mal de mestiçagem? Entretanto, no artigo que, a meu pedido,

escreveu para El Estudiante – a revista para estudantes da América Latina que dirijo juntamente com Oscar Gacitua, chileno – o sábio John Casper Branner faz o elogio do mestiço brasileiro, mesmo quando de aspecto assim pouco ou nada atlético. Conta que certa vez viajava de trem pelo interior do Brasil, quando a locomotiva se desarranjou. Foi uma consternação entre os passageiros: não iriam sair tão cedo do ermo em que a máquina enguiçara. O maquinista não inspirava nenhuma confiança: era um desses mestiçozinhos franzinos e desajeitados que no Brasil são chamados indistintamente caboclos. Ou amarelinhos, em português ainda mais brasileiro. Era, porém, uma maravilha de mecânico ou de técnico. Em pouco tempo, consertou a máquina. Foi como se a ingresia não tivesse segredo para ele. Para Branner, não era caso isolado. O mestiço, o caboclo, o amarelinho – talvez fosse a melhor caracterização – o que muitos brasileiros chamam hoje o brasileiro Jeca, era um tipo inteligente e capaz, a despeito do seu aspecto, por vezes, desfavorável (FREYRE, 1975, p. 69).

Esses pensamentos de caráter racista serão profundamente questionados e desconstruídos em *Casa Grande e senzala* (1933) parecendo, portanto, ter sido utilizados inteligentemente com o pretexto de introduzir a questão étnico-cultural na formação da sociedade brasileira por ele posteriormente defendida. Então, graças a esses relatos pessoais, é possível aprofundar muitos aspectos da sociedade brasileira da época menos conhecidos, pois como o próprio Gilberto Freyre enfatiza na introdução à sua obra:

Um diário não é só o registro de sucessivos encontros – ou desencontros – de um indivíduo, alongado em pessoa, consigo mesmo. Envolve outros indivíduos. Outras pessoas. Instituições. Conflitos de indivíduos – ou de pessoas – com grupos, convenções, tendências do seu tempo e do seu meio sociais. Revoltas. Resistências a esse tempo e esse meio. Quixotismos. E também pancismos: acomodações, transigências, subordinações. De onde nem sempre os seus registros serem de todo expressões de um indivíduo que se pudesse exibir, além de se sentir, como um soberano – o soberano que desejaria ser – com relação ao seu meio e ao seu tempo. À sua família. A outras instituições. A outras convenções (FREYRE, 1975, p. ix-x).

A partir dessas considerações iniciais, *Tempo morto e outros tempos* (1975), que Gilberto Freyre publica como diário de adolescência e primeira mocidade, pode ser considerado uma obra como todas as outras por ele publicadas, assim como um paratexto para entender aspectos da sua obra maior.

Portanto, como continuidade da pesquisa de doutorado, e pela participação ativa de Gilberto Freyre em alguns dos mais significativos acontecimentos históricos e culturais brasileiros e internacionais do século XX – como demonstrado na produção e na tradução da sua obra nos mais diversos contextos geográficos e culturais – justifico a minha proposta de tradução, anotada e comentada para o italiano, de *Tempo morto e outros tempos: diário de adolescência e primeira mocidade* de Gilberto Freyre publicado pelo autor em 1975, desenvolvida durante os dois anos de estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará.

Se a essas considerações junta-se o fato de não existir ainda, na Itália, uma biografia do autor é plausível pensar que exista a necessidade ou, pelo menos, o interesse, em dedicar espaço a este autor e a alguns dos episódios mais marcantes da sua vida, por ter contribuído, através das suas

obras e do seu pensamento, à difusão de uma inovadora visão do Brasil ou, como afirma Antônio Candido, por ter escrito “um dos mais excelentes produtos desta época na área dos estudos sociais” (CANDIDO, 2008, p. 141).

Uma vez que a obra foi apresentada e a pesquisa contextualizada, prosseguirei introduzindo e comentando alguns exemplos, entre os mais significativos, das estratégias aplicadas à minha proposta de tradução para o público italiano, graças à utilização de ferramentas paratextuais (TORRES, 2011) e com o apoio dos teóricos dos Estudos da Tradução que mais enfatizam, quanto valorizam, os aspectos culturais envolvidos na tarefa tradutória (BASSNETT; LEFEVERE, 1990), com o objetivo de entrelaçar a discussão teórica com a prática, da melhor forma encontrada.

De fato, na década de 1990, Susan Bassnett e André Lefevere, dois grandes estudiosos dos Estudos da Tradução, anunciaram o que estava em andamento há algum tempo: a “mudança cultural” na própria disciplina. Resumindo, eles afirmavam que “nem a palavra, nem o texto, mas a cultura se torna a ‘unidade operacional da tradução’” (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. 8). A partir desta afirmação é evidente o novo papel assumido pelo tradutor dentro das teorias dos Estudos da Tradução, onde seu exercício responsável, sua tomada de decisões, sua busca de soluções para certas dificuldades e conflitos em virtude da diversidade adquiriu grande valor, uma vez que o principal conflito que esse profissional enfrenta é a relação entre cada língua e a visão do mundo que carrega (MITTMANN, 2003).

Durante o trabalho de tradução do diário íntimo de Gilberto Freyre, enfrentei diversas dificuldades, em diversos aspectos, devido ao tipo de texto informal e confessional, dos tons íntimos e dos assuntos às vezes tensos e delicados, do léxico marcado por adjetivos que deixam transparecer as emoções do protagonista e, em alguns casos, representativas de um inteiro país em formação como era o Brasil do século XX. Os maiores obstáculos encontrados ao longo da minha tarefa estão ligados às expressões idiomáticas ou à tradução de termos que não têm, em italiano, uma direta correspondência; a nível estilístico, outros aspectos desafiadores são a respeito da pontuação e da longa e complexa sintaxe que, em alguns casos, atinge o cumprimento de um parágrafo, aspecto que o próprio autor comenta nas páginas do diário:

Tanto J. L. do R., como O. M., e A. F. Vem me imitando – eles, dentre vários outros, de menor porte – o estilo, a forma, a própria pontuação. Sei que tenho um estilo ou uma forma e um ritmo que se define em parte pela pontuação (assunto estudado por George Saintsbury). Confirma-se o diagnóstico de Armstrong dentro dos limites provincianos e da língua portuguesa: “O que V. é de modo raro é escritor: entregue-se à sua vocação que V. será criador de valores imprevistos”. Que escritor pode haver sem forma? Sem plástica? Sem ritmo? Eu vou chegando a uma forma nova em língua portuguesa, que é diferente das antigas, sem deixar de ter o ritmo tradicional das prosas portuguesas: que exprime uma personalidade ao mesmo tempo moderna e castiça até na pontuação; e que a exprime de modo contagioso. Daí as imitações. Hei de criar um estilo. E dentro desse estilo, desde que me repugna inventar; como nas novelas e nos dramas, que escreverei? Talvez a contribuição dos meus primeiros esforços de ressurreição de um passado brasileiro mais íntimo (“l’histoire intime...romain vrai” como dizem os Goncourt) até esse passado tornar-se carne. Vida. Superação do tempo (FREYRE, 1975, p. 176-7).

Todavia, para este artigo, escolhi especificamente apresentar uma questão totalmente interligada à minha experiência pessoal de morar no Nordeste do Brasil. Trata-se da tradução de termos tão ligados à cultura regional que, em alguns casos, talvez precisassem ser explicados até para outro brasileiro, do Centro-Oeste por exemplo, ou do Sul ou, pelo menos, precisassem de alguns esclarecimentos a respeito. Os âmbitos dos termos escolhidos são bem característicos: manifestações religioso-folclóricas, elementos arquitetônicos ligados à época da escravidão e comidas típicas.

Para facilitar o leitor serão apresentados os dois textos (de partida e de chegada) e as eventuais notas de rodapé pois, de fato, estas se tornaram a ferramenta mais útil para aproximar o leitor italiano do século XXI ao texto de partida escrito na primeira metade de 1900.

Entrando no vivo da conversa, o primeiro exemplo, ligado ao folclore nordestino, expõe a saudade e a emotividade que invadem o autor ao relatar o ritual da “Queima da Lapinha”:

[...] Senão, como se explica que eu tenha chorado como nos meus dias de menino ao ouvir uma dessas noites, sozinho, no silêncio da noite, o canto popular, em português errado, mas estranhamente saudoso e triste da lapinha a caminho da queima: “A nossa lapinha já vai se queimar, até para o ano se nos vivos for”? Como se explica que me faça chorar, findo o carnaval, o resto, também para mim triste e saudoso, de confetes, de serpentina, de papel picado, em casa e nas ruas? [...] (FREYRE, 1975, p. 4).

Em italiano, este trecho foi traduzido assim:

[...] Altrimenti come si spiegherebbe il mio pianto come ai tempi dell’infanzia, nell’ascoltare, una di queste notti, da solo, nel silenzio della notte, il canto popolare, in portoghese sbagliato, ma stranamente nostalgico e triste della “lapinha pronta per essere bruciata”: “La nostra lapinha sta già bruciando, anche per tutto l’anno, se saremo ancora vivi”? Altrimenti come si spiega che mi facciano piangere, terminato il Carnevale, i resti, sempre tristi e nostalgici, di coriandoli di vario tipo, stelle filanti, in casa e per strada? [...] (tradução minha).

O comentário (em nota) introduzido para acompanhar o leitor italiano resume brevemente o ritual da Lapinha como:

La lapa è sinonimo tradizionale di presepio. La Queima da Lapinha (leggi, in italiano Lapigna) è una manifestazione religiosa nata nel XIX secolo, introdotta in Brasile dai Gesuiti, ma attualmente rappresenta più una manifestazione folclorica regionale. La “lapa”, più specificamente, simbolizza la mangiatoia dove è nato Gesù bambino. Oltre ad essere un rito di finalizzazione del Ciclo Natalino, bruciare la mangiatoia di paglia anticipa il nuovo periodo festivo, aprendo le porte al carnevale, per questo avviene il giorno della Befana (per approfondimenti, vedi: CASCUDO, 2012, p. 391).

Às vezes torna-se complexo, para o tradutor, entender até que ponto “desvendar mistérios” para acompanhar o leitor ao longo das páginas e quando isso se revolta contra ele próprio, com o risco de subestimar o público alvo tornando a leitura pesada. Exatamente por isso é bastante útil ter sempre em mente, bem claro, quem será o leitor do nosso texto. Pessoalmente posso afirmar de ter elaborado essa minha proposta de tradução para um público bem específico representado,

por exemplo, por estudiosos de língua italiana de história, sociologia, antropologia e alunos de graduação destas áreas que, nas universidades italianas, abordam a produção intelectual do autor pernambucano, principalmente nos âmbitos acima citados. Devido a isso, meu objetivo é aproximar este público não somente à vida e à vasta produção intelectual de Gilberto Freyre, mas ao inteiro mundo que o envolve e do qual a língua portuguesa faz parte, tendo ele grande orgulho das suas origens, como relata novamente nas páginas da obra em análise. Nestas páginas, com apenas 19 anos, estudando na Universidade de Baylor, o autor relata o incentivo que recebe para se tornar escritor de língua inglesa por um de seus professores, afortunadamente sem sucesso:

Destaque-se a favor de Armstrong que já fez discípulos brasileiros traduzirem para o inglês escritores brasileiros: Santa Rita Durão e José de Alencar. Mas comigo vive insistindo para que abandone a língua portuguesa e adote a língua inglesa como minha língua literária, tomando-me assim escritor, como ele diz, “universal”. É uma sereia, cantando sempre ao meu ouvido: “A glória te espera na língua inglesa: abandona, pois, a portuguesa, que é, como tu próprio reconheces, uma língua clandestina!” Para tanto me falta ânimo: não tanto o ânimo de aventura literária como o de repúdio a valores maternos. Sou muito sensível ao que há de materno, para um brasileiro, na língua portuguesa. Talvez uma obsessão psicológica de filho preso demasiado a mãe, e, por extensão, a tudo que se lhe apresente como materno (FREYRE, 1975, p. 29).³

E, algumas páginas depois, continua: “Naturalizar-me norte-americano ou inglês para afirmar-me grande escritor? Isto, nunca. Meu dever é voltar ao Brasil. Se tiver de ser escritor, meu dever é escrever em língua portuguesa” (p. 31).

Para uma melhor compreensão das questões teóricas, sendo este um desdobramento do meu trabalho de doutorado, continuarei enfatizando a utilidade dos paratextos representados por um aparato de notas críticas (MITTMANN, 2003) para os termos mais ligados ao contexto sociocultural nordestino e brasileiro. Buscarei, desta forma, colaborar para uma maior compreensão do leitor italiano de termos mantidos voluntariamente em língua portuguesa. A principal ferramenta de apoio utilizada, além dos dicionários monolíngues, foi o *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2012) de Luís da Câmara Cascudo. A escolha justifica-se com as palavras de Lília Moritz Schwarcz e André Botelho (2009):

É com o movimento modernista nos anos 1920 que uma nova sensibilidade se configura em relação às chamadas culturas populares. A partir da obra de autores como Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros, essas manifestações culturais passariam a ser consideradas não mais como sinais de um suposto “atraso” cultural, mas como fontes da identidade nacional brasileira. Uma mudança significativa se processava no próprio modo de entender a noção de “cultura”, agora não mais como uma dimensão que se confundia com a noção de “raça” em seu sentido biológico. O próprio tema da “mestiçagem” virá a ganhar um sentido culturalmente positivo na obra de um

³ A suo favore si dica che ai suoi alunni brasiliani ha già fatto tradurre in inglese scrittori brasiliani: Santa Rita Durão e José de Alencar. Ma con me vive insistendo affinché abbandoni la lingua portoghese e adotti quella inglese come mia lingua letteraria, diventando così uno scrittore, come dice lui, “universale”. È una sirena che sempre mi canta nelle orecchie: “La gloria ti aspetta in lingua inglese: abbandona quindi quella portoghese che è, come tu stesso ammetti, una lingua clandestina!”. Mi manca il coraggio per qualcosa del genere: non certo quello dell’avventura letteraria ma quello di ripudiare valori materni. Sono molto sensibile a ciò che vi è di materno, per un brasiliano, nella lingua portoghese. Forse un’ossessione psicologica di un figlio troppo attaccato alla madre e, per estensione, a tutto ciò che gli si presenti come materno (tradução minha).

autor como Gilberto Freyre. É nesse contexto intelectual inovador que emerge a obra de Luís da Câmara Cascudo, a qual pode ser considerada, no século XX, como aquela de maior abrangência e de maior alcance, não exatamente do ponto de vista teórico e analítico, mas certamente no que respeita ao amplo trabalho de pesquisa, observação e registro das diversas modalidades de práticas sociais e representações classificadas como “folclore” ou “cultura popular” no Brasil (SCHWARCZ; BOTELHO, 2009, p. 177-8).

Avançando com as observações mais práticas, assim como afirma Marie-Hélène Torres, ao citar Antoine Berman (1984), considera-se o comentário como glosa, como esclarecedor de sentido, de figura e de interpretação ao redor do um texto. De fato, o comentário de uma tradução auxilia a interpretação já que ambos os termos, traduzir e comentar, remetem a ações intercambiáveis (FREITAS; TORRES; COSTA, 2017, p. 16).

Portanto, um segundo exemplo de estratégias postas em prática é relacionado ao *engenho*, como estabelecimento mais representativo da época da escravidão, composto pela casa grande, a senzala, os cativos domésticos, além das instalações produtivas (de açúcar). Nesse caso específico decidi traduzir a palavra Engenho com a italiana *Ingegno*, eliminando assim o *gap* fonético que poderia criar alguma estranheza no leitor não familiarizado com o português brasileiro. Na primeira aparição do termo “engenho” no texto, elaborei uma nota de rodapé cujo comentário devia ser o mais completo e abrangente possível de um conceito que carrega um peso cultural não indiferente para a sociedade brasileira do passado e do presente. Somente depois da nota de rodapé avisei o leitor que, a partir daquele momento, a palavra engenho teria sido traduzida sempre como *Ingegno*, italianizando o termo, e considerando a estratégia bastante satisfatória, como podem ver em seguida: “Meu avô era um dono de engenhos – três – e um comissário de açúcar dado a boas leituras. Meu Pai foi seu filho predileto” (FREYRE, 1975, p. 5) em italiano torna-se: “*Mio nonno era proprietario di un Ingegno – di tre – ed un commissario dello zucchero dedito alle buone letture. Mio Padre è stato il suo figlio prediletto. Che cosa penserebbe del nipote?*” (tradução minha). Aqui, reproduzo a nota elaborada, principalmente neste caso, a partir da leitura da obra de Mário Maestri (1994), *O escravismo no Brasil*:

Questi stabilimenti rappresentano le prime grandi fazendas del Brasile schiavista. Essi producevano non solo zucchero ma, praticamente, tutto quello che veniva consumato dai suoi abitanti. È proprio negli engenhos che si trova la casa grande, costruita solitamente in un punto alto e sicuro da dove era possibile controllare la senzala ed i canneti. La produzione di zucchero costituiva una attività manifatturiera suddivisa in tappe che andavano dalle attività più semplici a quelle più complesse, realizzate totalmente dagli schiavi durante lunghe e pesanti giornate di lavoro. Lo zucchero dominò l'economia schiavocratica brasiliana dal xvi al xvii secolo. Con l'espulsione degli olandesi dal Pernambuco, essi si trasferirono nei Caraibi con i propri schiavi e il capitale economico. Lo sviluppo della produzione in questa regione nel xvii e xviii secolo determinarono la decadenza dell'agro-manifattura zuccheriera del Brasile che, tuttavia, continuò a produrre l'alimento senza interruzione (per approfondimenti, vedi, MAESTRI, 1994, p. 72-4).

O terceiro e último exemplo, vem do mundo da culinária, pois a comida nordestina e, no específico, a pernambucana é constantemente elogiada no próprio diário pelo autor. Comparações com comidas provadas no exterior, neste caso, em Boston, e reflexões sobre as influências que as receitas brasileiras receberam de outros povos (indígenas, africanos e portugueses) são numerosas no decorrer

das páginas, como nestas linhas que reporto em português e, em seguida, em italiano. Apresento novamente, em seguida, também os comentários elaborados pessoalmente nas notas de rodapé:

Dão-me a comer uma carne (já não me lembra seu nome em yiddish) que me recorda o cozido brasileiro. Até onde irá – penso durante o almoço com os Goldberg – a influência do judeu sobre a cozinha portuguesa? Sobre a cozinha brasileira? A “feijoada dormida”, o “munguzá dormido”, o quitute que se come depois de uma noite como que de repouso encoberto da iguaria, talvez seja reminiscência brasileira dos dias de quitutes encobertos e até secretos dos cristãos-novos (FREYRE, 1975, p. 62).

A proposta em italiano:

Mi danno da mangiare una carne (non me ne ricordo il nome in yiddish) che mi ricorda il cozido brasiliano). Dove arriva – mi chiedo durante il pranzo con i Goldberg – l’influenza dell’ebreo sulla cucina portoghese? E su quella brasiliana? La “feijoada dormida” il “munguzá dormido”, il quitute che si mangia solo dopo una notte a riposo, delicatamente coperti, è forse una reminiscenza brasiliana dei giorni e dei quitutes coperti e persino nascosti, dei nuovi cristiani? (tradução minha).

A “feijoada” se torna, em nota de rodapé, un “*piatto tipico nazionale che si può comparare ad una zuppa a base di fagioli neri e carne, con diverse varianti dipendendo dallo stato*”, o “munguzá” é apresentado como “*pappa ricavata da chicchi di mais triturati e cucinati in latte zuccherato, cannella e chiodi di garofano*” e o quitute é traduzido como *cibo “appetitoso e ricercato, prelibatezza”*.

Na sua condição de *work in progress*, a tradução sempre pode sofrer alterações e melhoramentos e, de fato, no meu caso, isso aconteceu de verdade. A ideia de partida era realizar uma tradução comentada e anotada do diário, mas, ao longo desse ano e meio de pesquisa percebi a necessidade de um paratexto mais adequado ao meu objetivo: trazer para o público italiano uma obra autobiográfica de um escritor, antropólogo, sociólogo e histórico nordestino que participou de um século de grandes mudanças nacionais e mundiais. Os estudos sobre paratexto me levaram a pensar em realizar um glossário que possa exaustar as curiosidades do leitor de Gilberto Freyre, sobretudo a respeito do rico e elaborado mundo do folclore pernambucano e, mais amplamente, nordestino e brasileiro.

A escolha do glossário, pode representar a última prova da impossibilidade de traduzir (RICOEUR, 2012) todavia isso não representa uma derrota, representa uma escolha. Pode-se afirmar que a decisão de traduzir ou menos certo termo estrangeiro traduz também a relação entre dois países e a vontade de entender outra realidade na diferença e vice-versa (RICOEUR, 2012, p. 15). A valorização da cultura popular brasileira é um processo que começou já no século passado e tornou-se um tema de grande valor que, finalmente, poderá ser espalhado fora do país:

Antes da obra de Cascudo, esse conjunto vasto e diversificado de temas foi objeto de estudos pioneiros no Brasil, entre os quais se destacam aqueles produzidos por Sílvio Romero ainda no século XIX. Outros autores vieram a contribuir para seu registro e conhecimento, entre os quais podemos citar Euclides da Cunha e Nina Rodrigues. Em linhas gerais, esses estudos foram marcados por uma perspectiva evolucionista, a partir da qual as formas de vida e valores associados ao folclore e às culturas populares eram entendidos como

“sobrevivências” de uma etapa inferior e ultrapassada de evolução cultural da humanidade. As religiões populares, formas de medicina popular, sistemas de feitiçaria, entre outros fenômenos semelhantes, eram pensados como expressões de uma mente “primitiva”, “rude”, “ignorante”, carente de uma percepção objetiva e racional do mundo. Desse modo, estariam condenados ao desaparecimento, na medida em que viriam a ser progressiva e inexoravelmente substituídos por formas “superiores” ou “civilizadas” de pensamento e comportamento. Esse universo de práticas e de crenças populares era mesmo considerado por muitos intelectuais como obstáculo ao progresso social e intelectual do país. É necessário assinalar ainda que, para a maioria desses intelectuais, a própria noção de “cultura” não se diferenciava da noção de “raça” e, portanto, a inferioridade cultural era equacionada a uma inferioridade de natureza biológica. A “mestiçagem” entre brancos, negros e índios era diagnosticada como a causa principal dessa suposta inferioridade (SCHWARCZ; BOTELHO, 2009, p. 177-8).

Partindo da premissa que uma tradução comentada representa um ato crítico, onde o tradutor toma uma posição e expõe-se, dedicarei, os próximos meses de pesquisa à elaboração de um glosário que valorize, assim como difunda, alguns elementos da cultura popular nordestina e brasileira no contexto italiano escolhido para a tradução, o acadêmico.

Para concluir, retomando o objetivo deste trabalho, ao identificar se e de que forma as estratégias usadas na proposta de tradução italiana de *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)* foram satisfatórias, é possível afirmar que o texto apresenta, como principal característica, uma certa italianidade brasileira. No processo tradutório não se trata, de fato, só de transferir significados de uma língua para outra, mas de transpor, como tentei enfatizar, de um contexto cultural para outro, todas as peculiaridades de um texto que se torna um novo produto. Este nada deve temer ao ser associado ao texto fonte, pois ambos gozam da mesma autonomia e originalidade identitária:

La traducción no existe para eliminar la distancia entre las lenguas sino para reconocer esa misma distancia con el fin de asegurar su(s) (a)puesta(s) en común. En este sentido, la traducción actúa en el plano lingüístico como el mestizaje en el plano cultural. Por consiguiente, traducción y mestizaje funcionan como modelos ideales para la definición de identidades en la sociedad actual, constantemente reconstruida por los efectos de la globalización y los fenómenos migratorios (ALEXIS NOUSS, 2010).⁴

Tomando essa afirmação como preceito para o meu trabalho, de tradutora e migrante, posso deduzir ter alcançado as seguintes conclusões. Do ponto de vista lexical, escolhido como foco deste trabalho, as estratégias postas em prática se resumem a dois casos: no primeiro, alguns conceitos (ou termos) ligados à cultura e ao folclore nacional foram mantidos em português deliberadamente. Em outros, os termos foram italianizados, para que o público se familiarizasse com eles. O recurso paratextual das notas de rodapé se tornou o mais satisfatório garantindo a permanência de termos com uma carga cultural significativa, permitindo reforçá-la; enquanto em outros casos representou a ferramenta adequada para a explicitação de termos que foram italianizados, logo em seguida à primeira aparição no texto traduzido.

⁴ Disponível em: <http://www.paratraduccion.com/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=58&Itemid=242>. Acesso em: 4 maio 2018.

Depois de ter apresentado algumas das estratégias atuadas em relação às escolhas lexicais, é possível concluir, portanto, que o papel do tradutor é inquestionavelmente autoral. Como tal, ele deve assumir que suas escolhas não são exatamente livres, já que se produzem sempre no interior das relações e das redes de poder das quais participa como membro ativo e agente transformador. Há uma determinação que vem da comunidade em que o tradutor vive e para quem escreve que deve ser tomada em conta (RICOEUR, 2012). Dessa forma, não lhe pode ser exigido que ignore seu tempo e seu lugar, que se omita, que desapareça, e ainda que neutralize as diversidades linguísticas, culturais e históricas.

REFERÊNCIAS

BASSNETT Susan; LEFEVERE André. *Translation, history and culture*. London-New York, Printer Publishers, 1990.

CASCUDO, da CAMARA, Luis. *Dicionário do Folclore Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 2012.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008. p. 117-46.

CHEROBIN, Nicoletta. *(La) Casa grande e (la) senzala Brasileira tradotta in italiano: analisi para testuale di Padroni e Schiavi*. 2015. 399 f. (Tesi di dottorato) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponibile da <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses/Nicoletta_Chelibin_-_Tese.pdf>. Accesso in: 13 genn. 2018.

FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie Hélène Caterine; COSTA, Walter Carlos (Org.). *Literatura traduzida: tradução comentada e comentários de tradução*. Fortaleza: Substância, 2017.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

_____. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organizado por Jovita Maria N. Gerheim. Tradução de Jovita Maria N. Gerheim e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAESTRI, Mário. *O escravismo no Brasil*. São Paulo: Atual, 1994.

MITTMANN, Solange. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

TORRES, Marie Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário*. Tradução de Marlova Aseff e Eleonora Castelli. Tubarão: Copiart, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André (Org.). *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.